a grève geral reclamando as 8 horas de trabalho para todos. Belo exemplo, não há dúvida. Só os maus, os patifes, os exploradores é que podem negar razão aos operários. Só êsses e mais ninguém.

Assim, as embófias dessas criaturas, não devem, portanto, meter medo aos trabalhadores em luta. Muito ao contrário: servindo-lhes de incentivo para prosseguir no seu movimento até conquistarem àquilo a que teem jus, elas serão um exemplo salutar para não haver desfalecimentos nem tibrezas.

E o motivo é simples: os mestres, que roubau descaradamente os operários e os proprietários, àqueles pagando-lhes 300, 400 e 500 réis e metendo na conta a êstes 500, 600 o 700 réis podem dar desde já as 8 horas. A sua ganância e a sua ambição desmedidas é que os estão a tornar muito *mais*, declarando o *lock-out* e atirando as responsabilidades para cima dum «grupo de sindicalistas.»

Que malvados.

Mas não se aflijam os operários. Continuem firmes e enérgicos na sua obra que a vitória ha-de caber-lhes.

Quanto aos insultos e às insídias dos barrotes, não lhes dêem crédito. Elas são grosseiras de mais para que os trabalhadores as acreditem.

Coragem e ávante.

ALFREDO GUERRA.

A ferro e fogo

A um patriota

ASSENTE, pois, que o anarquismo não admite chefes (anarquia quer dizer: negação absoluta de autoridade e de govêrno) posto que reconheça e admire o eminente prestígio de alguns dos seus apóstolos—passemos a analisar o actual conflito europeu sob o ponto de vista de *Libertação e de Progresso.*

Os defensores dos aliados fartam-se de proclamar que combatem pela liberdade do mundo, pela vitória da *Civilização,* e contra as arrogâncias ambiciosas da Alemanha que se preparava para fazer da Europa um feudo submisso e pacato, aturando-lhe as impertinências bestiais e os despotismos ignóbeis. Acham, portanto, ser um dever de todos os espíritos mais ou menos livres, e neste caso estão os anarquistas, o cooperarem de mãos dadas no aniquilamento da águia teutónica, reduzindo-a ás proporções de pigmeu, sem força e sem valor.

Sim, senhor. Esta lógica, algo sentimental, é empregada também pelos patrioteiros dos impérios centrais, quando dizem que estão a combater pela integridade nacional, e contra a esboçada opressão, pela invasão, dos exércitos do tsar.

E' a lógica, estropiada e suja, que empregam os magnates de tôdas as nações, para se furtarem à responsabilidade que sôbre êles pesa. Porque isto de se dizer que estão a combater pela Civilização, não é mais do que um logro que se pretende fazer às classes operárias, que na sua inconsciência tantas vezes manifestada caem em patetices como a que agora estamos presenciando. Mas, para bem debatermos o assunto, aventemos a hipótese de que os aliados conseguem esmagar a Alemanha e adjacências. Que sucederá, depois? O capitalismo aliadesco, renunciará aos seus privilégios em benefício comum? A propriedade deixará de ser individual, para começar a pertencer a todos? Raiará, enfim, sôbre a terra a aura venturosa da Justiça e da Igualdade? Que me dis a isto? Parecem-lhe utopias as preguntas que acabo de formular, não é verdade? Isso já eu sabia. O que sucederia em semelhante caso, tôdas as criaturas que pensam, sem ser argutas, o pódem adivinhar. Tudo como dantes, apenas com uns pequenitos acrescentos nas contribuiçãozitas, como prémio de glória às heróicidades e arremetidas do povinho, na luta hercúlea do qual resultou o esmagamento germânico. E vai daí sempre há-de ser o que virá a acontecer. Apenas a questão do esmagamento da Alemanha é um caso problemático.

Os povos, francês, inglês, alemão, russo, austríaco, sérvio, belga, etc., é que hão-de pagar o patau.

Ora, dest'árte, como quer você que os anarquistas apoiem a guerra até ao *aniquilamento* da velha Germânia? Oh! bem sei; vai falar-me do barbarismo teutónico, no banditismo austríaco, no canibalismo turco. Vai apelar para os meus sentimentos de humanidade e preguntar-me depois se não é dever de todos os homens de sentimentos desejarem a derrota da Alemanha. Mas quem lhe disse que eu desejo a sua vitória? Eu, no fundo, a ter que vencer alguêm, prefiro que êsse alguem sejam os aliados. Mas não é porque os aliados sejam, nos processos da guerra, mais humanos do que os outros. A guerra é a guerra; e quem anda a guerrear, já pela disciplina caserneira, que por si só é abominável, já porque a guerra é o banditismo organizado, tem que ser, indubitávelmente, besta, fera e destruidor. Você só atenta no selvagismo dos hunos; os jornais burgueses descrevem as scenas de canibalismo por êles praticadas. E você, como francófilo apaixonado, não vê mais nada além das parcialíssimas notícias das gazetas. Sejamos justos, para sermos verdadeiros. Façâmos a cada uma das partes litigantes a justiça que elas merecem e discutâmos depois com consciência e sem paixão.

A França, que você dis ser o país das liberdades públicas, a nação que proclamou e agora defende os Direitos do Homem, não hesitou em se mancomunar com o ultramontanismo, dando a mais ámpla liberdade aos fanáticos religiosos, enquanto que aos outros, aos que no balão se não deixaram nem deixam ir, persegue-os infamemente, expulsa-os tiránicamente e tudo isto em defesa da *Civilização.* Fóra êstes *pequeninos nadas,* entretem-se em Marrocos, a civilizar, a ferro e fogo, as populações *selvagens,* exercendo represálias de tôda a espécie, cometendo banditismos de todo o feitio, posto que isso brigue com a independência daquela gentinha, que luta apenas pela sua liberdade e pela integridade da sua pátria (isto a admitir-se o conceito patriótico).

A Inglaterra, que dis combater pela independência da Bélgica, não pôs dúvida nenhuma em chamar a si o Este africano, o Egipto, o Zanzibar e o Sudan, etc. A Itália, que nos primeiros meses da guerra procurou negociar com os impérios centrais a sua neutralidade pela aquisição de alguns territórios, como o negócio lhe saísse furado, arremessou-se também no conflito, invocando a liberdade latina, enquanto que pretende submeter pela fôrça, os árabes de Trípoli, apoderar-se *provisóriamente* das ilhas grégas, anexar a Dalmácia, onde apenas há um reduzido número de italianos, e conquistar na Ásia Menor, alguns territórios. E para não ficar atraz da França, suprime a liberdade de pensamento e encarcera os anarquistas que pregam a insurreição. A Rússia, tem graça, o país onde o despotismo assume proporções descaroáveis, que envia para a Sibéria dezenas de milhares de pessoas anuàlmente e que na Pérsia cometeu banditismos bem dignos dos seus já célebres cosacos; a Rússia, que esmaga os movimentos operários, que assassina, nos infectuosos ergástulos, os desgraçados prisioneiros, que contra sua vontade oprime a Finlândia e a Polónia, combate também pela Civilização e pela Liberdade.

E queria você que os revolucionários colaborassem na fita preparada pelos governantes! E queria você que os revolucionários sociais sancionassem, com o seu aplauso, esta monstruosa carnificina onde só se ferem os interesses dos potentados! Não; o papel dos revolucionários é muito outro. Neste momento, sobretudo, é que êles devem fazer sentir a sua acção. E essa consiste em mostrar ao povo as causas que fomentaram a guerra; em opôr ao militarismo imperante o antimilitarismo salvador; em destruir o atavismo patriótico fazendo-o substituir pelo internacionalismo fraternal; e finalmente, em criar, nas massas produtoras, o espírito da luta de classes, para vêr se, terminada a guerra, alguma coisa de humano se poderá fazer.

Esta é que é a missão dos revolucionários sociais. De resto, tudo o mais é nada.

E até à vista.

J. SALGADO.

NOTAS RUBRAS

Teatro pornográfico

GI, há dias, nos jornais diários, que a polícia interviera, no sentido de ser modificada uma *revisteca* em representação num dos teatros desta cidade, visto ela encerrar abundante matéria pornográfica.

De há tempos que no teatro se vem explorando em larga escala o género—*revista.*

O povo—não só pela diversa música, mas também por motivo das várias scenas picarescas de que ordináriamente são recheiadas as referidas peças—concorre abundantemente com os seus *cobres* para essas casas de espectáculos. Porêm, escassas teem sido as *revistas* que não contenham, à falta de arte dos seus autores, farta abundância de pornografia, muitas vezes até deprimente para o artista que as desempenha. Nestas condições, a revista, que podia ser um óptimo meio de fazer espírito pondo a nú os múltiplos ridículos da sociedade, ainda concorre para desenvolver a ignorância e a bestificação do público.

O teatro, racionalmente aproveitado, podia ser um dos factores mais importantes para a educação do povo. Se nele fossem representados trabalhos de tese social, etc., feitos com talento, com dignidade artística e não apenas cam o interesse mercantil, a humanidade muito lucraria sob o ponto de vista espiritual...

C. RODRIGUES.